

NEGAÇÃO E POLARIDADE – PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO E MUDANÇA SEMÂNTICA DAS ESTRUTURAS *PARA + INFINITIVO*

Elisangela Baptista de Godoy SARTIN¹

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar as orações infinitivas iniciadas pela preposição *para* sob o ponto de vista da gramaticalização, as quais, embora apresentem o valor prototípico de finalidade podem sugerir ao interlocutor outros valores semânticos e sintáticos, e até mesmo casos de orações ambíguas.

Desta forma, percebemos que esta estrutura pode ter seu sentido original erodido e, pode mostrar-se enfraquecida causando um desbotamento semântico. Ao lidarmos com o conceito de gramaticalização, podemos verificar que quanto maior for o grau de coesão, maior será o grau de gramaticalização, (Hopper & Traugott, 1991), e a partir do momento em que as orações *para + infinitivo* passam de um estatuto sintático de adverbial, que têm como característica menor entrelaçamento, e passam a um estatuto de encaixamento, com um maior entrelaçamento, configura-se então um processo de gramaticalização evidente.

São utilizadas informações sobre as amostras que constituem o *corpus* de língua falada brasileira, NURC/SP e redações do vestibular da Fuvest dos anos 1999, 2001, 2005 e 2006, para que seja possível a realização de um estudo sobre a incorporação de usos inovadores e sobre o peso da normatividade vinda do ensino colegial.

Ao lidarmos com a questão da polaridade das estruturas *para + infinitivo* em trabalhos anteriores, Sartin (2006), foi observado que tanto na análise de língua falada quanto de língua escrita, que a polaridade negativa tem influenciado grandemente na alteração dos valores sintáticos e semânticos das estruturas em estudo, o que pode ser um dos fatores que está propiciando um processo de gramaticalização.

PALAVRAS-CHAVE: *orações combinadas; gramaticalização; entrelaçamento sintático; contextos semânticos.*

¹ (USP)-Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Rua do Lago, 717 - Cidade Universitária - São Paulo - Brasil. lisaugusto@usp.br

1- GRAMATICALIZAÇÃO DE COMBINAÇÃO DE ORAÇÕES

A estrutura *para + infinitivo* tem sido usada em outros contextos semânticos que não o de finalidade e esses outros sentidos têm demonstrado um caráter mais abstratizado e, em alguns casos, um entrelaçamento sintático bastante acentuado com a oração-núcleo.

Essa constatação fez com que fosse postulado a instauração de um processo de intensa gramaticalização. Esse é o motivo de apresentar neste trabalho as bases fundamentais da gramaticalização.

Embora o processo de gramaticalização tenha sua definição primitiva relacionada a palavras individuais, uma transposição desse conceito foi feita para o estudo e explanação da combinação de orações.

Esse encaminhamento, contudo, não é proposta exclusiva deste trabalho. Outros lingüistas (Lima-Hernandes, 1998; Dias, 2001; Hopper & Traugott, 1994, dentre outros) procederam a pesquisas nessa perspectiva, com resultados significativos para a compreensão dos deslizamentos funcionais.

O processo de gramaticalização pode ser aplicado a estruturas maiores, como demonstrou Braga (1999), dentre outros autores. Uma estrutura sintática maior pode ser compreendida como um componente discursivo, mas pode também ser derivado de estrutura discursiva (SANKOFF e BROWN, 1976, *apud* HEINE, CLAUDI e HÜNNEMEYER, 1991).

Também Givón, resenhado por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), demonstrou que o processo de gramaticalização pode abranger um modelo mais pragmático de comunicação, enfatizando, dessa forma, o aspecto sintático. De acordo

com essa perspectiva, estruturas paratáticas do discurso podem desenvolver-se em estruturas sintáticas mais fechadas, como o encaixamento.

Essa linha de pesquisa tem aberto uma nova janela nos estudos de gramaticalização. Nesse sentido, passa a tratar de gramaticalização não como simples “reanálise do item lexical como material gramatical”, mas também como a reanálise do padrão discursivo como padrão gramatical e de funções do nível discursivo, tais como nível de sentença, funções semânticas².

Hopper & Traugott (1994) afirmam que, durante o período neogramático, todas as investigações de morfologia gramatical tiveram o caráter essencialmente de investigações sobre a analogia, tal como fazia Meillet. Era o que se previa nos encaminhamentos metodológicos da época; não se poderia esperar que adotassem abordagens diversas àquelas compatíveis com o estágio de avanços lingüísticos na época da produção.

Lembre-mos de que muito do interesse científico na área lingüística era voltado para a gramática histórico-comparativa. Então, muito do que explicava a mudança paradigmática relacionava-se com a analogia, e a gramaticalização parece assumir um caráter mais sistemático e, ao mesmo tempo, mais amplo:

A importância [disto] é um fato decisivo. Enquanto a analogia pode renovar formas em detalhe, geralmente deixando o plano total do sistema intocável, a gramaticalização de certas palavras cria novas formas e introduz categorias que não têm expressão lingüística. Muda o sistema como um todo. (*apud* HOPPER & TRAUGOTT, 1994:22)

Gramaticalização, ainda que tenha sua definição primitiva relacionada a palavras individuais, evidentemente é um conceito que também pode ser estendido para itens maiores. Na verdade, a combinação de palavras em frases e sua eventual amalgamação,

² São citados como autores que lidam com essa abordagem os seguintes: Hopper 1979^a; 1979b; 1982, Herring 1988; Thompson e Mulac, in press (*apud* HEINE, CLAUDI e HÜNNEMEYER, 1991).

como demonstrado por Lima-Hernandes & Sartin (2006) com os verbos volitivos, é motivada por fatores discursivo-pragmáticos, e a codificação sintática preserva as estruturas antigas numa nova função³. Em um caso extremo, a frase pode mesmo ser analisada como contendo mais que uma palavra, mas seus membros são integrados como um. Em assim sendo, já em Meillet, há a possibilidade de que o domínio da gramaticalização possa ser estendido para a ordem das palavras nas sentenças.

Durante a década de 70, ocorreu um crescimento no interesse da pragmática e da tipologia lingüística. Nesse momento, muitos lingüistas focaram a atenção nas mudanças previsíveis nos tipos de línguas. Givón começa essa retomada, intitulado “Sintaxe Histórica e morfologia sincrônica; uma viagem à área da arqueologia”, e anuncia o *slogan* “A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”. Sobre as formas discursivas, Givón propõe que sejam localizadas num *continuum* e que se movimentem entres dois pólos: *pragmático* > *sintático*.

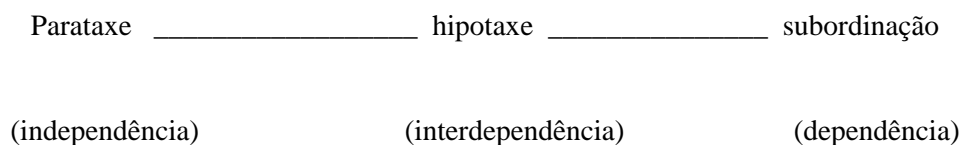
É certo que, em se tratando de combinações de orações, nota-se, tal como defendem Hopper e Traugott, que há diferenças claras entre orações combinadas em sua forma finita e orações combinadas em sua forma não-finita. Se um núcleo canônico contém um verbo finito, pode ocorrer decategorização nos casos em que envolver redução do verbo na forma não-finita.

Um caso especial de integração é o que Lehmann chama “interlacing”: a concordância sintática entre as orações, por exemplo, demonstra esse tipo de integração. Outros critérios têm sido aventados como índices de integração de orações. São eles: correferencialidade de sujeitos, identidade de tempos e modos e também o entrelaçamento de orações originalmente separadas na estrutura sintática da matriz. É o

³ Lima-Hernandes & Sartin (2006) discutem os casos de estruturas volitivas que geram o efeito discursivo de imperatividade, como em *Eu quero que você leia este texto*.

caso da ocorrência de um sujeito oracional, quando uma oração matriz assume como sujeito a oração seguinte.

Hopper e Traugott (1993) traçam um *continuum (cline)* da combinação de orações do ponto de vista da gramaticalização, tal como explicitado em:



A parataxe é caracterizada pela independência entre as orações que compõem a seqüência; hipotaxe, evidenciada pela interdependência entre as orações combinadas e pela presença de orações-satélite; e subordinação⁴, marcada pelo grau máximo de dependência, com uma das orações funcionando como constituinte da outra.

As orações adverbiais mostram um *continuum* de uma menor integração para uma maior integração, o que caracteriza um processo de gramaticalização em orações com maior grau de entrelaçamento. Esse grau dependerá, naturalmente, do valor semântico codificado e da codificação sintática.

Desta forma, é possível associar o processo de gramaticalização ao nexo sintático que se estabelece entre duas ou mais orações subordinadas (HOPPER & TRAUGOTT, 1991). Nessa concepção de gramaticalização, quanto maior o grau de coesão, maior será seu grau de gramaticalização. Isso se deve ao entrelaçamento cada vez mais intenso entre unidades, o que faz com que um falante interprete a estrutura toda não como duas unidades, mas como apenas uma. O que invariavelmente se tem

⁴ Para evitar a confusão entre hipotaxe e subordinação, muito comum na visão gramatical tradicional, doravante tratarei de subordinação como *Encaixamento*.

mostrado é que o verbo da oração matriz⁵ (numa aplicação às orações encaixadas) sofre decategorização, podendo inclusive gerar uma leitura de auxiliaridade.

2- PRODUTIVIDADE NA LÍNGUA FALADA: PADRÕES FUNCIONAIS

A língua falada popular não deve ser vista como problemática e como uma violação da língua literária ou mesmo do padrão culto, mas, sim, como uma variedade que não refreia os usos inovadores (MAURER JR., 1962). Como a variedade sob estudo é a culta e já demonstra muitas inovações em relação ao que a normatividade divulga, toda cautela é pouca para lidar com a variedade dita culta, especialmente porque a distância entre o que se aprende e se divulga está já bastante acentuada do que se emprega em situações reais e espontâneas.

Na amostra do *corpus*⁶, foram encontradas 159 ocorrências de orações com a estrutura *para + infinitivo*, e para a análise dos dados, foi necessário determinar a variável dependente, ou seja, aquele critério que, intuitivamente, se mostrava o mais adequado para orientar a distribuição dos dados ou, ainda, aquele critério que permitisse uma observação mais clara das diferenças entre as ocorrências selecionadas. Assim, foi selecionado o “valor semântico da oração subordinada” para esse fim.

Ao perceber que os dados não constituíam um conjunto homogêneo, foi necessário, então, a tarefa de se estabelecer um continuum semântico a partir de uma estrutura final. O valor semântico das orações *para+infinitivo* é o ponto-chave na identificação das rotas de gramaticalização. Durante a análise, foram identificadas quatro nuances semânticas, as quais seriam, teoricamente, capazes de organizar os

⁵ As orações que se combinam com orações encaixadas são rotuladas, nesse modelo, de orações-matriz, embora também utilize o rótulo “oração principal”. Essa denominação não se aplica às hipotáticas, que se combinam necessariamente com orações-núcleo.

⁶ O *corpus* foi extraído do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP), A linguagem falada culta na cidade de São Paulo, Volume II – Diálogos entre dois informantes, Ataliba Teixeira de Castilho e Dino Preti.

dados estudados: finalidade (exemplo 01) desbotamento semântico (exemplo 02), argumento sintático – encaixamento (exemplo 03), ambígua (exemplo 04) e discursiva (05):

Esclareço que o desbotamento semântico refere-se aos dados em que o valor de condição também é incorporado ao período; orações que acumulam tanto a função de argumento sintático quanto a de finalidade já enfraquecido foram classificadas como orações ambíguas; por fim, as discursivas revelam usos que, cristalizados, conformam uma modalidade voltada para o interlocutor.

(01) você sai de manhã às vezes você sai agasalhado...na hora do almoço você precisa sair um pouquinho *para ir fazer* qualquer negócio seu particular...(INF 69)

(02) então o tempo para mim é imprescindível que ele seja bom... certo? *Para poder* me *deslocar* e inclusive render muito mais no serviço. (INF 70)

(03) ... é realmente fornecer condições *para ele se desenvolver* (INF 70)

(04) porque eu tenho crianças várias *para pegar* na escola...(INF-473)

(05) essas companhias de ônibus desses ônibus fumacentos né?...não há controle...os americanos já estão bem mais à frente né? *Para você ver* a moto aí...ela não faz barulho por quê? Tem uma linha americana que impõe setenta e cinco...decibéis... (INF-442).

Após a “codificação” ou análise de cada ocorrência, foram utilizados alguns programas do pacote *varbrul* a fim de organizar melhor e quantificar os dados em função das variáveis selecionadas. As variáveis dependentes, ou os grupos de fatores selecionados para a análise foram: o fator sexo, estrutura formal, material interveniente, polaridade, semântica do verbo e presença do sujeito, os quais foram correlacionados com o valor semântico de *para + infinitivo*.

Assim, como resultado desta pesquisa de língua falada, num total de 12 informantes, foram selecionados 6 homens e 6 mulheres, que usam de forma dessemelhante a estrutura sob análise. Os homens empregaram muito mais vezes (123 ocorrências) as orações com a estrutura *para+infinitivo* do que as mulheres (36 ocorrências).

Os homens, além de utilizarem muito mais as orações *para + infinitivo* prototípicas de finalidade, com um total de 69 dados, também fazem bastante uso das estruturas consideradas inovadoras, tendo um total de 54 dados, nos diversos usos novos, inclusive, das orações discursivas, que são dados com pouca recorrência, e os únicos dados que aparecem são utilizados pelos informantes do sexo masculino.

O que podemos observar, também, é que as mulheres escolhidas para esta análise, além de utilizarem pouco as estruturas infinitivas antecidas pela preposição *para*, correspondendo a 36 dados, fazem uso de pouquíssimas estruturas inovadoras; do total, aparecem apenas 9 dados, das quais, 7 estruturas com desbotamento semântico e apenas 2 dados de encaixamento, não aparecendo nenhum uso ambíguo ou discursivo. O que nos leva a confirmação de que as mulheres parecem estar mais preocupadas em colocar em uso estruturas prototípicas e vinculadas à normatividade⁷.

Com relação ao padrão funcional *material interveniente*, os resultados nos mostram que as estruturas com material interveniente (SNs, pronomes e advérbios), corresponderam a um total de 26 dados, e embora aparecessem poucos dados com material interveniente, 13 deles (50%) corresponderam aos usos inovadores, o que é um número considerável, e que nos leva a pressupor que o material interveniente não é um fator decisivo para mudanças sintáticas e semânticas das estruturas *para + infinitivo*,

⁷ Diriam os sociolinguísticos que isso demonstra que a escolarização teria maior impacto sobre as mulheres do que sobre os homens, mas isso de fato não posso comprovar.

mas pode ser um grande colaborador, como casos em que estas estruturas pendem para a discursivização, normalmente estão ligadas por um material interveniente.

Ao tratarmos dos resultados dos dados sobre correferencialidade de sujeitos, Lehmann (1988)⁸ aponta um caso especial de integração, além da concordância sintática entre as orações: é a correferencialidade entre os sujeitos. Tendo em vista a importância desse critério em vários dos trabalhos lidos.

Os 159 dados analisados, apontam que: 87 dados apresentavam sujeitos correferenciais e 72 sujeitos não-correferenciais; 60 dados (69%) com os sujeitos correferenciais apresentaram-se na função prototípica de finalidade, contra um total de 27 dados (31%) de orações com os demais usos, sendo 18 desses dados, ou seja, a maioria desses usos, fazem parte de estruturas com desbotamento semântico.

Assim, como podemos ver, as orações *para + infinitivo* que partilham o mesmo sujeito normalmente mantém seu estatuto prototípico de finalidade, ao contrário das orações que não partilham o mesmo sujeito, que têm a tendência à alteração de seus estatutos tanto sintáticos quanto semânticos.

Um dado de muita importância é que, com relação às orações com o sujeito não-correferencial, dos 72 dados encontrados, 36 ocorrências (50%) eram orações com usos inovadores, sendo que, desses usos, 24 dados eram estruturas com seu valor semântico afetado, enquadrando-se no caso de desbotamento.

Dessa forma, é possível perceber que a não-correferencialidade entre os sujeitos é, de fato, um fator de muita importância para esse processo que envolve não só mudanças sintáticas, mas também mudanças semânticas das estruturas finais em *para + infinitivo*. Este fato também já foi observado em Silva (2005) ao tratar de orações *para*

⁸ Apud Gorski e Neves 2004

+ *infinitivo* no Espanhol, evidenciando a necessidade da correferencialidade de sujeito para que essas estruturas possam ser classificadas como finais.

3- PRODUTIVIDADE NA LÍNGUA ESCRITA: PADRÕES FUNCIONAIS

Com a finalidade de tornar este trabalho o mais completo possível, houve a necessidade de verificar se esses usos diferenciados das estruturas *para + infinitivo* também apareceriam na língua escrita.

Para essa tarefa, foram selecionadas, redações dos concursos vestibulares para ingresso na Universidade de São Paulo, já na segunda fase de seleção, referente aos anos de 1999, 2001, 2002 e 2006. Dessa forma, seria possível a realização de um estudo sobre a incorporação de usos inovadores e sobre o peso da normatividade vinda de conhecimentos adquiridos no ensino formal dos estudos colegiais.

De forma aleatória, foram escolhidas 134 redações, e desse conjunto de provas foram identificadas 70 orações com a estrutura *para + infinitivo*.

A justificativa para a escolha desse tipo de amostra de língua escrita deve-se ao fato de que a Fuvest é um dos mais concorridos vestibulares e, também, porque a prova de redação integra a segunda fase de seleção, após, portanto, uma grande seleção ditada pelo conhecimento geral em forma de teste.

Nesse contexto de produção, há uma pressão muito grande para que o aluno demonstre seu conhecimento da norma culta. E isso pode ajudar a reconhecer usos inovadores que não são percebidos pelo próprio aluno e até mesmo pela escola durante a preparação desses estudantes.

Assim como na análise dos dados de língua falada, os grupos de fatores escolhidos para serem correlacionados com o valor semântico são praticamente os

mesmos, ou seja, estrutura formal, material interveniente, polaridade, semântica do verbo e presença do sujeito.

Durante essa análise, tanto quanto nas amostras de língua falada, foram identificadas também 5 nuances semânticas, as quais seriam, teoricamente, capazes de organizar os dados estudados: finalidade (exemplos 06), desbotamento semântico, que são orações em que podemos ter finalidade, mas com outros valores incorporados, como o de condição, (exemplo 07), argumento sintático – encaixamento (exemplo 08), ambígua (exemplos 09) e discursiva (10):

(06)é nesses movimentos que se engajam hoje, os jovens que não perderam a capacidade de sonhar com um mundo melhor, lutam *para melhorar* a vida de uma minoria discriminada e conseqüentemente tornar mais justa a sociedade.(rd506056)

(07)É uma geração cética com respeito à política, ceticismo que herdou da existência de seus pais perseguidos nos anos sessenta e frustrados na redemocratização dos anos oitenta e noventa. Não é uma geração sem consciência: longe disso, é antes uma geração indiferente. Uma geração que pouco espera do mercado de trabalho (mercado: palavra que agora começa a esfumaçar-se, de tanto ser usada), que receberá de braços fechados e lhe dará as costas. E que também já sabe que terá, cada vez mais, de conhecer *para sobreviver*, pois a vida é dura.(rd506628)

(08)Brasileiros sob semelhante alcunha, convivem.....almeja encontrar condições *para ingressar* modestamente no mercado da esquina.(rd501453)

(09) E a impressão que se esboça é que essa geração não tem pelo que lutar, mas apenas objetivos individuais *para conquistar*.(confirmar).(rd513627)

(10)No passado, nossos pais, foram, de certa forma, forçados a lutar contra essa dominação, pois viviam um momento de repressão das liberdades individuais, na época da ditadura, *para ilustrar* exemplo, eles amadureceram rapidamente, e os jovens de hoje, vivem um período sem grandes revoluções, em que a tendência é a individualização.(rd507920).

De acordo com o resultado dessa quantificação e correlação, num total de 130 redações de vestibular da FUVEST, foram encontrados 70 dados da estrutura *para + infinitivo*, e como era de se esperar, as estruturas sem material interveniente são as mais freqüentes tanto na língua falada quanto na língua escrita. Assim, num total de 63 dados sem material interveniente, foi possível verificar que, embora 41 dados correspondem às estruturas prototípicas de finalidade, temos 22 dados que correspondem aos usos inovadores, no caso, 8 dados com desbotamento semântico, 10 dados que correspondem ao encaixamento, 3 dados de orações com ambigüidade pragmática e apenas 1 dado de oração discursiva. Com relação às estruturas *para + material interveniente + verbo*, embora foram encontrados apenas 7 dados, 2 deles corresponderam aos usos inovadores. O que foi constatado com a análise dos dados de língua escrita, é que mesmo em situação de necessidade da utilização da norma padrão, como é o caso de um dos vestibulares mais concorridos, as estruturas apresentam também usos que não os prototípicos.

Com relação ao verbo depois de *para*, ao contrário do que foi observado na análise de língua falada, onde apareceram muitos dados com verbos modais depois de *para*, e que a maioria das estruturas *para + verbo modal + verbo infinitivo* apresentaram alterações sintáticas e semânticas, na língua escrita eles são evitados, pois foram encontrados apenas 2 dados. Dessa forma, na língua escrita, principalmente onde há uma pressão para que seja utilizada a norma culta, os verbos modais não são quase utilizados, e mesmo com poucos dados, ainda foi verificado que dos únicos dados encontrados, 1 deles apresentava um uso que não o prototípico, mas uma estrutura com desbotamento semântico, o que nos leva a perceber que os verbos modais podem ser um grande índice de alterações das estruturas *para + infinitivo*.

De acordo com a análise dos dados de língua escrita, assim como na análise de língua falada, a maioria dos verbos que vêm depois de *para*, são verbos de ação física e de processo, e como temos visto, estes carregam maiores índices de prototipicidade.

Os demais verbos depois de *para* embora apresentem uma quantidade menor de dados, nos mostram usos que não os prototípicos de finalidade, mas usos inovadores.

De acordo com os 32 dados encontrados de orações que apresentam correferencialidade entre os sujeitos da oração matriz e oração *para + infinitivo*, 21 eram usos prototípicos, contra apenas 11 dados de usos inovadores (3 orações com desbotamento semântico, 6 dados de encaixamento, e 2 dados que apresentavam ambigüidade pragmática). Dessa forma, embora as orações com sujeitos correferenciais apresentem uma quantidade maior de dados prototípicos de finalidade, também nos mostram usos inovadores com um processo de gramaticalização em andamento também nos dados de língua escrita.

Com relação à não correferencialidade de sujeitos, temos uma quantidade um pouco maior de dados, sendo que das 38 orações encontradas, 25 delas eram orações adverbiais de finalidade, e embora apareceram apenas 13 dados de usos que não os prototípicos de finalidade, percebe-se que a não correferencialidade entre os sujeitos pode apresentar mais dados em que as estruturas *para + infinitivo* sofre um desbotamento semântico, pois dentre os dados de usos inovadores, 6 se enquadravam nesse subfator, e os demais se dividiam em 4 encaixadas, 1 ambígua e 2 discursivas.

O que fica evidenciado é que mesmo com toda a necessidade de se aplicar a norma culta, ainda assim encontramos dados em que as estruturas *para + infinitivo* apresentam usos inovadores e mais gramaticalizados.

4- ESTRUTURA *PARA* + *INFINITIVO*: POLARIDADE NEGATIVA

Em se tratando de uma finalidade, espera-se que a ocorrência de polaridade negativa seja pouco produtiva, pois frustra a possibilidade de que se alcance o objetivo. Saber se as orações que deslizarão funcionalmente atendem a esse critério como meio de discernir os valores semânticos será de fundamental importância para uma descrição mais adequada da estrutura.

Assim, as orações foram divididas entre afirmativas (de polaridade positiva), tal como exemplificado em (11), e negativas (polaridade negativa), tal como ilustrado em (12). Não foram identificados casos em que houvesse a concordância negativa entre as orações (polaridade negativa + polaridade negativa).

(11) pena que se espere tanto né?...*para tomar* as medidas sérias.

(12) L1...de colocá-lo no seu lugar né?

L2 no seu lugar *para não perturbar*...(INF-472)

Ao tratarmos do fator polaridade das orações *para* + *infinitivo*, os resultados evidenciam que a grande maioria dos casos detém polaridade positiva, com um total de 69% delas, 87 dados, no seu valor prototípico, o que contrariaria nossas hipóteses iniciais se os valores semânticos se mantiverem no conjunto da finalidade.

Com a verificação dessa pendência, notei uma distribuição um pouco diluída. Os usos inovadores (desbotamento semântico, encaixada, e ambígua) responderam por 31% dos casos, ou seja 39 dados. Foi observado que, na combinação de polaridade negativa/positiva (24 dados), apenas 7 (29%) estão no seu valor prototípico, o restante, ou seja, 17 dados (71%) equivalem a usos inovadores. Na relação inversa, ou seja, das orações com a polaridade positivo/negativo, dos 9 casos encontrados, apenas 2 estão no seu sentido prototípico. Dessa forma, percebe-se que as estruturas *para* + *infinitivo*, que

possuem polaridade diferente, seja oração núcleo positiva e oração *para + infinitivo* negativa, ou no sentido inverso, parecem estar passando por processo de mudanças semânticas e sintáticas, tendo seu sentido esvaziado, com valor ambíguo e até mesmo apresentando maior entrelaçamento com relação à principal, na posição de encaixamento. Esse comportamento revela um processo de gramaticalização.

Assim, pelo que os dados mostram, é que, sem dúvida, o fator polaridade negativa tem uma parcela bem grande de responsabilidade com relação às mudanças que estão ocorrendo com as estruturas *para + infinitivo*, e pode ser um dos fatores que está levando tal estrutura a alcançar um processo de gramaticalização.

Ao lidarmos com os dados de língua escrita, foi possível observar que as mudanças das estruturas *para + infinitivo* também estão presentes em textos onde a normatividade é um aspecto importante, no caso, de redações de vestibular da FUVEST.

Ao selecionarmos redações do vestibular da FUVEST referentes aos anos de 1999, 2001, 2002 e 2006, foram identificadas 70 orações com a estrutura *para + infinitivo*.

Dentre esse total, também foram encontradas orações em que a polaridade era positiva tanto na oração matriz quanto na oração *para + infinitivo*, como nos mostra o exemplo 13. Apareceram também orações de polaridade diferente, sendo oração matriz positiva e oração *para + infinitivo* negativa, tal como ilustrado em 14, e orações onde a oração matriz era negativa e oração *para + infinitivo* positiva, como no exemplo 15. Também, como na análise de língua falada, não foram identificados casos em que houvesse a concordância negativa entre as orações (polaridade negativa + polaridade negativa).

(13) Os pais precisam lutar, sem medir esforços, *para transmitir* aos seus filhos com mais intensidade os significados de palavras como: respeito, solidariedade e humanidade. (rd500989)

(14) Dessa forma, podemos concluir que os jovens dessa geração precisam de bastante orientação *para não tornar* maléfico um instrumento que é o maior bem que o indivíduo pode possuir: o conhecimento. (rd507455)

(15) *Nunca* antes uma geração teve acesso tão rápido á informação em geral, ou liberdade *para discutir* ou questionar quaisquer temas. (rd500994)

De acordo com a análise dos dados de língua falada, a polaridade negativa tem influenciado bastante na alteração dos valores da estrutura *para + infinitivo* e isto também foi possível observar nos dados de língua escrita. Embora tenha sido encontrado apenas 14 dados na forma oração matriz negativa + oração *para + infinitivo* positiva, 8 dessas orações se desviaram do seu valor prototípico de finalidade, ou seja, mais da metade, eram usos inovadores, sendo que 5 dados apresentaram desbotamento semântico, e 3 dessas estruturas saíram do seu estatuto sintático prototípico de hipotáticas e passam a assumir o estatuto de subordinadas. Com relação aos dados onde a oração matriz é positiva e oração *para + infinitivo* é negativa, foram encontrados apenas 3 dados, sendo que 1 desses dados também apresenta um uso que não o prototípico de finalidade, mas voltado para a discursividade.

O que fica evidenciado é que mesmo com toda a necessidade de se aplicar a norma culta, ainda assim encontramos dados em que as estruturas *para + infinitivo* apresentam usos inovadores e mais gramaticalizados, e o fator polaridade negativa tem sido um dos fatores para esse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que as hipotáticas detêm um estatuto sintático mais frouxo migram, em seu processo de abstratização, para um laço mais gramatical de encaixamento, o que representa um mais forte entrelaçamento. Isso pressupõe um processo de gramaticalização em andamento.

Os resultados da análise de amostras de língua falada em contraponto com a língua escrita mostraram-se muito semelhantes, o que me fez supor que a mudança na língua escrita tem sido capitaneada pela interferência da língua falada.

As estruturas conformadas em *para + material interveniente + verbo infinitivo*, tanto nos dados de língua falada quanto nos dados de língua escrita, revelam não ser um fator decisivo, mas um grande fator para o distanciamento dessas estruturas do seu valor prototípico.

A polaridade negativa está associada às mudanças operadas. Quando as estruturas *para + infinitivo* se juntam às estruturas de polaridade negativa desencadeia-se o distanciamento e desbotamento semântico dessas estruturas

O verbo modalizador *poder* interpolando *para + verbo infinitivo* aparece somente nos dados de língua falada, sendo, dessa forma, evitado na língua escrita. Assim, também é um dos fatores que propicia mudanças semânticas das estruturas infinitivas, uma vez que, associado aos valores de modalidades, são geralmente relacionados à possibilidade ou necessidade, o que favorece o desbotamento semântico das estruturas infinitivas, com a associação das mesmas aos valores de condição.

Percebe-se, também, pela quantificação realizada com o auxílio dos programas *varbrul*, que as orações com sujeitos não-correferenciais são as que apresentam maior produtividade de usos inovadores, o que ratifica o que Lehmann (1988) e outros pesquisadores já disseram a respeito.

Assim, este trabalho nos mostra que são diversos os fatores que influenciam nas mudanças pela qual a estrutura *para+infinitivo* está passando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino Fioravanti. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo, Volume II – Diálogos entre dois informantes*, São Paulo: Fapesp, T.A. Queiroz, Editor, LTDA, 1987.

DIAS, Nilza Barrozo. *As cláusulas de finalidade*. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2001.

GORSKI, Edair Maria e NEVES, Priscilla. *O estatuto sintático do infinitivo em orações reduzidas: É legal (de) estudar esse assunto?* João Pessoa: Anais do II ECLAE, Revista Gelne, 2004.

HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Gramaticalização de Combinação de Cláusulas: Orações de tempo no português do Brasil*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

MAURER, Theodoro Henrique Jr. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

SARTIN, Elisângela Baptista de Godoy e LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Eu quero que você leia meu trabalho. Gramaticalização de estruturas volitivas no português brasileiro*. São Paulo: UNICSUL, 2006.

SILVA, Iandra Maria da Silva. *Indicativo e Subjuntivo em Espanhol: Norma e Uso na imprensa escrita*, Florianópolis, 2005.